nos 100 anos do nascimento (1988)

100 ANOS DE PESSOA
É UM MENINO E CHAMA-SE FERNANDO

• EDUARDO GUERRA CARNEIRO, enviado especial ao século XIX

A máquina de viajar no tempo existe. Funciona. Assim, estive na Lisboa do século XIX, detendo-me especialmente no 13 de Junho de 1888, dia em que nasceu o poeta Fernando Pessoa. Dado que os saltos bruscos no tempo originam modificações no espaço, algumas personagens da literatura transformaram-se em gente real. Foi desta maneira que conversei com Carlos da Maia, João da Ega, Fradique Mendes. Como se podem processar rasgões no tecido social, relâmpagos no tempo, consegui chegar à fala com o astrólogo Raphael Baldaya e, na Rua dos Douradores, um outro Bernardo Soares contou-me do seu desassossego, no escritório de Godofredo da Conceição Alves, o marido enganado da Lulu. A Eça de Queirós roubei algumas páginas, já publicadas ou a publicar; de Cesário Verde, já morto, em 1886, procurei os ambientes; Oliveira Martins, num almoço no Tavares, deixou-me um parágrafo. A máquina de viajar no tempo permitiu-me estar nas festas de Santo António de há cem anos, assistir a um comício contra os jesuítas e saber histórias do dia-a-dia dessa Lisboa de outras eras.

Diário Popular
14/06/1988

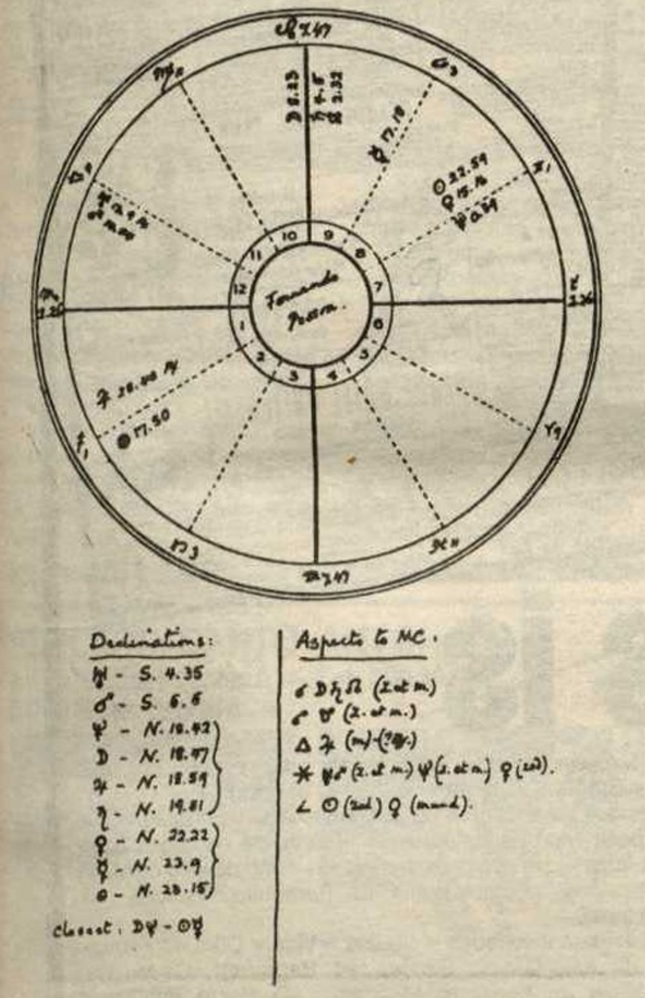
100 ANOS DE PESSOA

TOCAM os sinos da igreja dos Mártires. É dia de Santo António. Lisboa, 13 de Junho de 1888. Marquei encontro com Carlos da Maia e João da Ega no Largo do Loreto. Há mais de um ano que os dois amigos se reencontraram na capital, depois de Carlos ter viajado pelas sete partidas do Mundo para tentar esquecer a sua história terrível e incestuosa com Maria Eduarda.

Aí vêm eles, de mais uma almoçarada no Hotel Bragança, ali na Rua do Ferragial de Cima. Avançam pelo Tesouro Velho, de braço dado, charutos acesos. Vou ao seu encontro.

Para Carlos a cidade é a mesma Lisboa de há dez anos, quando a deixou para viajar pelo estrangeiro, a esquecer dramas. Diz-me: «Repare — nada mudou. A mesma sentinela ronda em torno à estátua triste de Camões. Os mesmos reposteiros vermelhos, com brasões eclesiásticos, pendem nas portas das duas igrejas. O Hotel Aliança conserva o mesmo ar mudo e deserto. Um lindo sol doura o lajedo; batedores de chapéu à faia fustigam as pilecas; três varinas, de canastra à cabeça, meneiam os quadris, for-

Uma fotografia do pai do poeta, Joaquim de Seabra Pessoa, para o álbum de família



Horóscopo de Fernando Pessoa

Diário Popular
14/06/1988

DESASSOSSEGO

CRUZOU por mim, veio ter comigo numa rua da Baixa, um homem mal vestido que não era pedinte de profissão. Vim depois a saber que era guarda-livros. Segredou-me: «Sei quem você é, senhor jornalista. Também eu descobri a máquina de viajar no tempo. Vá ter comigo ao escritório da firma Alves & C.ª. Tenho um documento para lhe dar.»

Fui. Godofredo da Conceição Alves, nesse mesmo dia quente de Junho, ia ter uma dolorosa surpresa: a sua esposa adorada, D. Ludovina, na intimidade a Lulu, enganava-o com o seu próprio sócio da firma instalada numa rua da Baixa: o Alves.

Ora, enquanto Godofredo avançava, encalorado, para a Rua de S. Bento, a levar de surpresa presentes de aniversário para a Lulu, eu abria o batente de baetão verde do seu escritório, na Rua dos Douradores, e encontro aquele homem que cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa.

O guarda-livros, moço amarelado, de aspecto doente, sorriu. Espalhou areia sobre a larga folha que acabava de escrever e disse, sacudindo-a: «O meu nome é Bernardo Soares. Isto diz-lhe alguma coisa?1 Gaguejei, mas disse que sim. Então o moço rapou de um papel e deu-mo, acrescentando: «Publique estes três parágrafos, lá no seu jornal. Devem servir para compor melhor as páginas.» E mais não disse. Saí para a rua cheia de sol vago onde há casas paradas e gente que anda.

E aqui estou a transcrever o documento, assinado por Bernardo Soares:

«Tenho diante de mim as duas páginas grandes do livro pesado; ergo da sua inclinação na carteira velha, com os olhos cansados, uma alma mais cansada do que os olhos. Para além do nada que isto representa, o armazém, até a Rua dos Douradores, em fileira as prateleiras regulares, os empregados regulares, a ordem humana e o sossego do vulgar. Na vidraça há o ruído do diverso, e o ruído do diverso é vulgar, como o sossego que está ao pé das prateleiras.

Baixo olhos novos sobre as duas páginas brancas, em que os meus números cuidadosos puseram resultados da sociedade. E, com um sorriso que guardo para meu, lembro a vida, que tem estas páginas com nomes de fazendas e dinheiro, com os seus brancos, e os seus traços à régua e de letra, inclui também os grandes navegadores, os grandes santos, os poetas de todas as eras, todos eles sem escrita, a vasta prole expulsa dos que fazem a valia do mundo.

No próprio registo de um tecido que não sei o que seja se me abrem as portas do Indo e de Samarcanda, e a poesia da Pérsia, que não é de um lugar nem de outro, faz das suas quadras, desrimadas no terceiro verso, um apoio longínquo para o meu desassossego. Mas não me engano, escrevo, somo, e a escrita segue, feita normalmente por um empregado deste escritório.»